

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE OUTUBRO DE 2001

Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Presidente do Sebrae, Sérgio Moreira; Senhores Parlamentares; Membros do Sebrae; Senhores Empresários; Microempresários; Senhoras e Senhores,

O Doutor Sérgio Moreira já expôs os objetivos desse nosso encontro e as decisões que foram tomadas para o fortalecimento do microcrédito. Como costuma acontecer nessas ocasiões, ao Presidente da República cabe pouco mais do que desejar sorte e muito trabalho, porque o que já foi dito de conteúdo é suficiente para ilustrar quais são os desafios que nós temos pela frente.

Quero, apenas, enfatizar o que já foi dito pelo Doutor Sérgio Moreira. Nós vivemos num mundo que é bastante diferente do mundo dos nossos, não diria nem avós, dos nossos pais, para não dizer do mundo, pelo menos, da infância minha e de alguns outros, que já estamos na terceira idade. É um mundo em que a noção de emprego modificou-se profundamente.

A idéia que nós tínhamos, no passado, correspondia a uma estrutura de sociedade que assegurava certos caminhos mais ou menos conhecidos, difíceis, mas que asseguravam uma previsibilidade para a ascensão das pessoas que entravam numa carreira ou que tinham um certo trabalho, mesmo os empresários.

Hoje, temos uma sociedade extremamente cambiante, mutável, em que há muito mais ocupação do que emprego. As relações formais, estruturadas, que asseguravam esse caminho, como que não digo desapareceram, mas diminuíram de importância. E a fluidez de novas posições, novas ocupações é muito forte.

Quem conhecesse o que significava na teoria clássica ser empreendedor, no passado, descobriria que, hoje, empreendedores são os pequenos empresários e os microempresários. Porque, quem se der ao trabalho de ler – e eu li – os autores que foram os mais importantes, no passado, conhecerá o que era ser empreendedor. Talvez o mais conhecido deles todos seja um alemão chamado Werner Sombart.

Quem for ler as características do empreendedor, vai ver que, hoje, essas características estão no microempresário, porque o grande empreendedor, hoje, dirige uma organização, que é burocrática, quase tão burocrática quanto o Estado. E os que trabalham no Estado, que dirigem o Estado, sabem que a direção do Estado é muito mais uma questão de liderança e de convencimento do que de ordem hierarquizada.

Na empresa, no passado, era muito mais a audácia de alguém que inovasse e que tivesse a persistência para seguir adiante no rumo e que abrisse um novo caminho. No presente, a grande empresa tem quem faça seus estudos – seus analistas e seus laboratórios; quem descreva qual vai ser a previsão – não digo do tempo, mas do tempo econômico, das conjunturas econômicas. Passam o tempo todo lendo relatórios e fazendo muito mais um trabalho de convencimento do que um trabalho de determinação. Vale menos a coragem e mais a persistência.

Não é assim com o microempresário. O microempresário continua tendo que ser audacioso. Ele tem que ousar. É ele quem inova, na

verdade. Na grande empresa, quem inova é um especialista: é o laboratório, são os especialistas da organização, são aqueles que foram treinados nas universidades. Essas virtudes não encarnam mais no personagem do empresário, como no passado, mesmo aqueles que eram desbravadores e que, muitas vezes, eram percebidos, às vezes, até como perigosos *tycoons*, se dizia. Mesmo esses, que tinham que ter essa capacidade de audácia, não tinham no que se apoiar.

Hoje, o microempresário é quem não tem muito no que se apoiar. Ele tem o seu faro, a sua capacidade de organizar e a sua coragem de se lançar numa aventura. Só que, hoje, há outras formas de inserção, que não aparecem tão nítidas como aquelas que apareciam nas estruturas organizadas do passado, que são inserções em redes. Redes entre as quais se coloca, agora, mais uma rede, que é a do microcrédito. No fundo, é uma rede. É uma forma de permitir que haja acesso a milhares de pessoas através de procedimentos simples e que vão permitir que aquele que tem a coragem de inovar tenha algum apoio material, tenha algum recurso financeiro para poder realizar o seu propósito.

Não é inovador ter uma rede desse tipo. Nós, no Brasil, já temos algumas redes de microcrédito. A dificuldade é em fazer com que essas redes sejam, efetivamente, eficientes, ou seja, que elas não sejam burocratizadas, porque, se o microempresário é não-burocrático, ele se lança sem muitas informações, muitas vezes, sobre o mercado. Ele não pode estar sendo, digamos, objeto de esperas muito delongadas, ele não pode estar sendo objeto de estudos muito complicados para saber se se dá ou não se dá o crédito. Precisa de um crédito de confiança.

É preciso que haja alguma instituição que diga: “Eu aposto.” E o ato de apostar é um ato não-burocrático: pode dar certo, pode dar errado. O burocrata tem horror de apostar, porque ele é penalizado se der errado. Aqui, não podemos ter gente que tem medo de errar. Tem que ter coragem de acertar. Tem que ter a iniciativa e acertar. E quem vai dar o crédito também.

Então, essa é a dificuldade. Não é só a de quem recebe o crédito. É de quem vai outorgar o crédito também. Tem que ser alguém ajustado com o novo espírito. Tem que ousar. Pode errar. Não pode ser

condenado se houver alguma inadimplência. A inadimplência faz parte do jogo. Mas a inadimplência, nesses casos de microcrédito, é muito baixa em geral. Eu dizia que não é a única experiência. Nem no Brasil nós temos algumas experiências de microcrédito, e muito menos fora, a famosa experiência do Grameen Bank, que é uma experiência de cerca de 2 bilhões de dólares de empréstimos, já conhecida no mundo todo. Existe, também, na Bolívia, uma experiência bem-sucedida de microcrédito.

O desafio para o Sebrae é exatamente este, Doutor Sérgio Moreira: é de que o Sebrae é uma estrutura intermediária. Não é Estado, não é sociedade civil, não é empresa. É uma coisa intermediária. E ela precisa ser cada vez menos burocracia. Não importa que seja governo ou que seja empresa. O que importa é que ela seja menos burocrática para poder atender a sociedade civil, os empresários que se lançam pelo mundo afora. Esse é que vai ser o desafio a ser preenchido pelas ações do Sebrae.

Na verdade, não é só nessa área que temos esse desafio. Em quase todas as áreas sociais do Brasil, o grande desafio é esse: como fazer com que as redes que estão sendo criadas – e são muitas – de proteção social sejam eficientes; atendam ao seu objetivo; sejam capazes de ter a sensibilidade de buscar o público-alvo com precisão; sejam rápidas e permitam uma interação mais ou menos direta entre o cliente e aquele que vai outorgar o crédito ou que vai outorgar uma bolsa-escola ou o que seja. Essa é a dificuldade.

Isso requer uma modificação profunda das estruturas governamentais, das estatais, das não-governamentais, das instituições mistas, como é o caso do Sebrae, para que essas estruturas sejam também suficientemente porosas para absorver os influxos que vêm desse dinamismo da sociedade.

Acredito que, com esse recurso hoje oferecido – cerca de 30 milhões de reais, que não é pouca coisa, até porque isso vai ser disseminado através de empréstimos muito pequenos –, possamos dar um salto grande, com a condição de que, efetivamente, cumpramos os requisitos que acabei de mencionar.

Acho que a experiência do Sebrae e a de outros órgãos do Governo, como a Caixa Econômica, o Banco do Brasil, por exemplo, no programa aqui mencionado do Brasil Empreendedor, são experiências que animam.

Não sei dizer, neste momento, qual foi a quantidade de recursos e de empréstimos, mas deve ser 10 bilhões de reais. É alguma coisa expressiva: 10 bilhões de reais. No Brasil, a gente não sabe muito o que significa isso: bilhão para cá, bilhão para lá... Mas é muito dinheiro. Dez bilhões de reais disseminados, evidentemente, por uma imensa quantidade, centenas de milhares de... Quanto? Um milhão e 200 mil pequenos empresários. Brasil Empreendedor é o programa que teve êxito, que chegou a 1 milhão e 200 mil pessoas.

Se se quiser medir a capacidade de um povo de agir dinamicamente, há de se medir pelo número de empresários de que esse povo dispõe, de micro e pequenos empresários, como eu disse, que é a acepção moderna do que é o empresário. E vi, alguma vez, uma estatística – não me recordo de cor – em que estávamos muito bem situados quanto à quantidade de microempresários de que dispomos: 4 milhões. Dizendo melhor, 8 milhões. Dobrou o que eu imaginava. A cada oito brasileiros economicamente ativos, há um empreendedor.

Agora, é preciso olhar o outro lado. Qual é a mortalidade dessas empresas? É também muito elevada. Criam-se empresas e morrem empresas. Mas isso é a dinâmica da sociedade. Mostra que é uma sociedade que tem, aí, uma potencialidade muito grande de transformar-se.

Termino dizendo que, mormente nos dias que hoje correm, que são dias de incerteza – e não digo nenhuma novidade, basta ligar a televisão, ler o jornal, ouvir o rádio, para perceber quantas incertezas nós temos pela frente, para ver as flutuações de tudo, no mundo de hoje –, é preciso que tenhamos mais e mais redes desse tipo. Porque para a imensa maioria da população o emprego da população está dependendo não apenas das grandes organizações, mas dessas miríades de organizações que existem pelo Brasil afora. É por isso que é importante que neste momento o Governo esteja atento – e quando digo Governo, digo *amplo sensu*, porque incluo o Sebrae –,

estejamos atentos, no sentido de permitir que haja uma fluidez maior dos recursos econômicos, dos recursos financeiros. Para que o Brasil possa atravessar não apenas esse momento de certa incerteza no mundo, mas para que possa chegar com mais firmeza ao momento que, certamente, virá, amanhã, de mais consolidação e de mais bonança. Essa bonança seja usufruída não apenas pelos que sempre tiveram acesso ao crédito, mas por esses milhões de brasileiros que estão tateando e que, agora, começam a ter acesso ao crédito.

Desejo, portanto, ao Sebrae muito êxito nessa matéria, mas sobretudo aos pequenos e microempresários que estejam atentos a mais essa oportunidade, porque um dos problemas que nós temos, no Brasil, é fazer com que as pessoas saibam quais são as possibilidades já existentes. Porque, muitas vezes, estão reclamando de alguma coisa porque não tiveram a informação necessária para saber quais são os caminhos que podem levar a um dia de amanhã melhor.

Muito obrigado.